

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**RITHIELLI MACHADO SEMPREBON**

**ANÁLISE DE CUSTO/VOLUME/LUCRO: APLICAÇÃO DE ESTUDO  
DE CASO EM UMA INDÚSTRIA NO RAMO DE CONFECÇÃO  
LOCALIZADA EM CRICIÚMA – SANTA CATARINA**

**CRICIÚMA**

**2017**

**RITHIELLI MACHADO SEMPREBON**

**ANÁLISE DE CUSTO/VOLUME/LUCRO: APLICAÇÃO DE ESTUDO  
DE CASO EM UMA INDÚSTRIA NO RAMO DE CONFECÇÃO  
LOCALIZADA EM CRICIÚMA – SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharelado no curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Esp. Realdo de Oliveira da Silva.

**CRICIÚMA**

**2017**

**RITHIELLI MACHADO SEMPREBON**

**ANÁLISE DE CUSTO/VOLUME/LUCRO: APLICAÇÃO DE ESTUDO  
DE CASO EM UMA INDÚSTRIA NO RAMO DE CONFECÇÃO  
LOCALIZADA EM CRICIÚMA – SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado, no Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Contabilidade Gerencial.

Criciúma, 04 de Julho de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Realdo de Oliveira da Silva - Especialista - Unesc - Orientador

Prof. Manoel Vilsonei Menegali – Especialista – Unesc - Examinador

Prof. Cleyton de Oliveira Ritta - Mestre – Unesc - Examinador

**Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder forças nos momentos difíceis e sabedoria para conseguir superar os desafios.

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais e minha irmã, que me apoiaram nesta etapa da minha vida.

Ao meu orientador Prof. Esp. Realdo de Oliveira da Silva, o qual foi imprescindível para execução deste estudo.

Aos meus colegas de trabalho, Raquel, Francini e Ana Claudia, pelo apoio durante esta trajetória, pelos momentos bons e descontração que passamos juntas.

A minha amiga Karina, pelos bons momentos e pelas dificuldades também, apoiando umas às outras para conseguimos chegar ao final de mais uma etapa.

Enfim, a todos que contribuíram para a conquista desse objetivo.

**“O lucro do nosso estudo é tornarmo-nos  
melhores e mais sábios.”**

**Michel de Montaigne**



## **ANÁLISE DE CUSTO/VOLUME/LUCRO: APLICAÇÃO DE ESTUDO DE CASO EM UMA INDÚSTRIA NO RAMO DE CONFECÇÃO LOCALIZADA EM CRICIÚMA – SANTA CATARINA**

**Rithielli Machado Semprebon**<sup>1</sup>

**Realdo de Oliveira**<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda à análise do custo/volume/lucro, a qual pode ser obtida através dos cálculos da margem de contribuição, ponto de equilíbrio, margem de segurança e alavancagem operacional. Assim sendo, apresentam-se as contribuições da análise do custo/volume/lucro na organização estudada, após a análise dos dados estudados. Para a pesquisa foi elaborado inicialmente um estudo bibliográfico, a fim de trazer os conceitos a serem abordados. Após foram obtidas as informações necessárias junto a empresa, para elaboração dos cálculos necessários ao estudo. Para isto, foi preciso ter acesso ao faturamento, custos e despesas, entre outras informações, com relação ao período estudado. Com os levantamentos efetuados, percebe-se que a empresa se encontra em uma boa situação, pois apresentou resultado positivo após os cálculos realizados. Os dados obtidos por meio do cálculo da margem de contribuição, ponto de equilíbrio, margem de segurança e alavancagem operacional, auxiliam a empresa nas tomadas de decisões a curto e longo prazo.

**PALAVRAS – CHAVE:** Margem de contribuição; custos; ponto de equilíbrio; margem de segurança; alavancagem operacional.

**AREA TEMÁTICA:** Contabilidade Gerencial.

### **1 INTRODUÇÃO**

As empresas enfrentam variações no ambiente externo com as instabilidades e a competitividade, e precisam readequar constantemente as atividades internas, tais como a redução de custos, eliminação de desperdícios e aumento na qualidade de produtos e serviços.

Para isto as empresas necessitam de profissionais qualificados a fim de lidar com as ameaças e oportunidades no ambiente externo, e com os pontos fortes e fracos no ambiente interno.

A contabilidade gerencial visa produzir informações confiáveis e precisas, para que os gestores consigam segurança no gerenciamento da organização.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Ciências Contábeis da UNESC, Criciúma, Santa Catarina, Brasil.

<sup>2</sup> Especialista, UNESC, Criciúma, Santa Catarina, Brasil.



Nesse contexto de práticas da contabilidade gerencial, o artigo aborda assuntos relacionados à análise de custo/volume/lucro, um dos instrumentos da área de custos, utilizada como uma ferramenta nas decisões gerenciais.

A análise baseada em custo/volume/lucro, conforme Dutra (2003, p.335), “consiste na comparação dos diversos resultados que podem ser apresentados por um empreendimento, de acordo com a seleção da alternativa a ser adotada entre várias disponíveis e que podem envolver diferentes restrições”. Assim sendo, esta análise baseia-se na Margem de Contribuição, conceituada no Custeio Variável, considerando o comportamento dos custos e despesas fixos e sua influência no resultado.

Para isto, abordam-se os assuntos da contabilidade de custos, a qual passou a ser encarada como uma ferramenta gerencial auxiliando nas tomadas de decisão.

A contabilidade de custos propicia sistemas de informações que permitam um melhor gerenciamento de custos, conforme afirma Martins (2010). A utilização de um método de custeio interfere na formação do preço e auxilia na redução dos custos. As decisões interferem na continuidade e crescimento da empresa, trazendo os resultados para sociedade.

Com isso, para elaboração da análise tem-se o seguinte problema: Como aplicar a ferramenta da análise de custo/volume/lucro em uma empresa do setor de confecções?

O objetivo geral deste trabalho consiste em aplicar a ferramenta custo/volume/lucro para analisar os custos industriais no setor de confecções. Diante do tema proposto, os objetivos específicos são: i) conceituar a análise de custos; ii) discorrer sobre a análise de custos, volume e lucro; iii) apresentar um estudo de caso com aplicação da análise de custo/volume/lucro em uma confecção de roupas femininas; iv) verificar as contribuições trazidas pela análise custo/volume/lucro.

Assim, a realização deste trabalho se justifica em demonstrar as diversas análises da contabilidade de custos aos gestores de pequenas e médias empresas, que muitas vezes adotam decisões equivocadas por desconhecerem as ferramentas de gestão da contabilidade de custos, tais como a análise custo/volume/lucro.

Este artigo está organizado em cinco seções: esta introdução, seguida pela fundamentação teórica; procedimentos metodológicos; análises e discussão dos resultados; e considerações finais. A fundamentação teórica dar-se-á revisão da literatura. A ênfase é na análise do custo/volume/lucro. Em seguida, apresentam-se os procedimentos metodológicos com o método, abordagem, objetivos, estratégia e técnicas de pesquisa. Posteriormente, são discutidos os resultados e suas relações com outros estudos. Finalmente, são apresentadas as conclusões, limitações do trabalho e sugestões para pesquisas futuras.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS CUSTOS

Até a Revolução Industrial no século XVIII, existia a contabilidade financeira, estruturada para atender as empresas comerciais. Para apuração do resultado de cada período, bastava o levantamento dos estoques em termos físicos. A contabilidade de custos foi impulsionada pela revolução industrial, pois com o advento das indústrias houve a necessidade de controle dos estoques e controle dos custos.

De acordo com Martins (2010), para este cálculo era utilizado o valor do estoque inicial, somado com as compras, subtraído do estoque final, o qual se obtém o custo das mercadorias vendidas. O autor ainda diz que se confrontava esse montante com as receitas líquidas e chegava ao lucro bruto, onde se deduzia as despesas necessárias, à venda dos bens e financiamentos e chegava a um resultado bruto.

O surgimento deu-se pela carência das empresas em informações referentes os estoques, com isso Martins (2010) afirma que após a Revolução Industrial os métodos de custeio precisaram ser adaptados e aprimorados, e atualmente o primordial nas empresas é buscar mecanismos que aperfeiçoam a gestão.

Ferreira (2007, p.3) diz que as empresas “passaram a transformar os insumos, que antes eram comprados. Assim, surge a demanda por indicadores, para determinar o preço do produto que era obtido nas operações internas”. Assim sendo, era necessário avaliar os custos de transformação de cada processo e da mão-de-obra.

A contabilidade de custos atendia as empresas comerciais, e de acordo com Martins (2010), os bens eram produzidos por pessoas, as quais poucas vezes constituíam entidades jurídicas. Assim, com o advento das indústrias a apuração do custo tornou-se mais complexa, fazendo com que o contador adaptasse à empresa industrial os mesmos critérios utilizados na comercial.

Começou-se então a adaptação, dentro do mesmo raciocínio. De acordo com Martins (2010), a adaptação começou com a formação dos critérios de avaliação de estoques no caso industrial.

Assim, surge o controle de custos, o qual busca identificar quanto custa produzir os bens ou serviços.

Dutra (2003, p. 18) diz que:

Esses custos de produção, comparados ao preço de venda, indicam-lhe a margem de lucro de cada um, facilitando, ainda, as decisões sobre as alternativas mais vantajosas a serem adotadas em seu sistema produtivo.

Com isso, se consegue formar preços de venda e verificar o bem ou serviço mais vantajoso.



## 2.2 TERMINOLOGIAS DOS CUSTOS

A contabilidade de custos tem algumas terminologias, de acordo com Martins (2010), estas terminologias auxiliam o desempenho da apuração, sendo os principais: o gasto, desembolso, investimento, custo, despesa, perda e sucata e desperdício, conforme quadro 01 que traz os conceitos das nomenclaturas:

Quadro 01 – Nomenclaturas e seus conceitos.

Gasto	É todo sacrifício financeiro para obtenção de um produto ou serviço. Megliorini (2001), diz que o gasto é o compromisso financeiro assumido pela empresa na aquisição de bens ou serviços. Sendo que, dependendo da destinação o gasto poderá ser convertido para custo ou despesa.
Desembolso	É o pagamento resultante da aquisição de bem ou serviço e pode ocorrer antes, durante ou após a compra. Conforme Bornia (2002), o desembolso ocorre no ato do pagamento.
Investimento	São os gastos utilizados para benefícios futuros. Para Megliorini (2001), os investimentos são os bens e direitos registrados no ativo das empresas, assim quando houver o desembolso, realiza-se um investimento em estoque.
Custo	É o gasto utilizado na produção de bens ou serviços. No caso industrial, segundo Wernke (2004) são os fatores utilizados na produção.
Despesa	É o bem ou serviço consumido direto ou indiretamente para obtenção de receitas. Conforme Megliorini (2001), a despesa está relacionada ao bem ou serviço consumidos para geração de receitas, ou seja, as despesas são aquelas de uso necessário para o desempenho das atividades da empresa, porém a mesma não está ligada com a fabricação do produto.
Perda	É o bem ou serviço consumido de forma anormal e involuntária. Conforme Martins (2010), a perda não se confunde com despesa, nem com custo, por sua involuntariedade e anormalidade, como por exemplo, o incêndio.
Desperdício	Ocorre quando não há o aproveitamento normal de todos os recursos. Para Bornia (2002), o desperdício é o esforço econômico que não agrega valor ao produto. O autor ainda relata que os desperdícios englobam as ineficiências normais do processo. A produtividade menor do que o normal é um exemplo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Com as nomenclaturas citadas consegue-se mensurar os custos e despesas de produção ou serviços, a fim de identificar o preço de venda, entre outros.



## 2.3 CLASSIFICAÇÕES DOS CUSTOS

Para estudar o comportamento dos custos é necessário classificá-los para melhor entendimento. Dubois, Kulpa e Souza (2006), mostram que os custos podem ser classificados em relação aos produtos fabricados e em relação ao volume de produção.

### 2.3.1 Em relação aos produtos fabricados

Os produtos fabricados pela empresa podem ser valorizados em função de certas medidas ou forma arbitrária. Dubois, Kulpa e Souza (2006), abordam a forma arbitrária pode ser feita através de rateios ou estimativas. Com relação aos produtos fabricados, o custo pode ser classificado em diretos e indiretos.

Ferreira (2007, p. 65), diz que os custos diretos “são identificados com precisão no produto acabado, por meio de um sistema de medição cujo valor é relevante”. Os custos diretos (CD) podem ser apropriados de maneira objetiva aos produtos, pois há forma de medição clara do seu consumo durante a fabricação.

Para Megliorini (2001), o custo direto é a apropriação de um custo, quando efetivamente consumido. No caso da matéria prima, a qual é mensurada pela quantidade utilizada e pela mão de obra pelas horas trabalhadas no produto.

Os custos indiretos de fabricação (CIF), para Nascimento (2001), são aqueles que embora não incidam diretamente sobre a produção ou venda, é a parte integrante como resultante da participação nos resultados da produção ou comercialização, sendo que necessitam de cálculos para serem alocados aos produtos.

Conforme Ferreira (2007, p. 65), os custos indiretos “são aqueles relativos a vários produtos, sendo alocados por intermédio de sistemas de rateio, estimativas ou outros meios”. Como exemplo, citam-se os salários dos chefes de supervisão das equipes de produção e o aluguel da fábrica.

### 2.3.2 Em relação ao volume de produção

A classificação dos custos em relação ao volume de produção dará ênfase às quantidades elaboradas de cada produto. Conforme Dubois, Kulpa e Souza (2006), o custo com relação ao volume de produção subdivide-se em Custos Fixos e Custos Variáveis.

Os custos fixos são aqueles que independente do volume de produção, são mantidos os valores, dentro de um intervalo relevante. O Intervalo relevante “[...] é uma faixa de quantidades abaixo da qual a empresa não tem interesse em produzir e acima da qual não apresenta capacidade produtiva suficiente”. (DUBOIS; KULPA; SOUZA, 2006, p. 28). Assim, os custos fixos são aqueles que não dependem do volume de produção.

Para Nascimento (2001), o custo fixo, é o que não varia, seja qual for a quantidade produzida em determinado período. Cita-se como exemplo o aluguel da fábrica.



Os custos variáveis são aqueles que alteram conforme o volume de produção. Nascimento (2001), evidencia a ideia de que os custos variáveis são aqueles que, a qualquer variação da quantidade produzida ou vendida, acompanha essa mesma variação.

De acordo com Megliorini (2001), os custos variáveis são aqueles que aumentam ou diminuem, conforme o nível de produção. Como exemplos têm-se as matérias-primas, horas extras na produção e a mão-de-obra direta.

## 2.4 MÉTODOS DE CUSTEIO

Os métodos de custeio são identificados de acordo com a necessidade da empresa e é o processo pelo qual se efetua a apropriação dos custos. Conforme Wernke (2004) é necessário um sistema de custos que consiga mensurar e alocar os custos aos produtos. A apuração dos custos é resultante de informações de natureza monetárias e informações físicas.

As informações geradas para apuração do custo classificadas em informações físicas e de natureza monetária são adequadas e processo de coleta, registro, processamento e compilação. O gerenciamento das operações determina a qualificação do nível de detalhamento das informações necessárias (CRC/SP, 2000).

Tais métodos podem seguir três princípios de custeio, de acordo com Wernke (2004), sendo pelo custeio baseado em atividades (ABC), método variável e absorção.

### 2.4.1 Custeio por absorção

O custeio por absorção é o único legalmente aceito no Brasil e em outros países. Esta forma de apuração “[...] considera como componentes do custo industrial todos os elementos direta ou indiretamente ligados à produção.” (FERREIRA, 2007, p. 158). Este avalia estoques para elaboração do balanço patrimonial e demonstração de resultados.

Conforme Megliorini (2001), a primeira etapa do processo do custo por absorção, consiste em separar dos gastos os custos incorridos no período e dos custos separar os diretos dos indiretos. Sendo que os custos indiretos são apropriados por intermédio de rateios. Porém, este método, às vezes é falho para tomada de decisões.

Souza e Clemente (2007), abordam que os precursores do custeio por absorção conceberam um sistema que apropria aos produtos todos os custos de produção. Assim sendo, inicialmente os custos industriais são classificados em diretos e indiretos, estando os custos diretos apenas os que forem fácil e confiavelmente contáveis por unidade de produto.

Este método, conforme Dutra (2003) possibilita a apuração do resultado e o cálculo dos impostos e dos dividendos, pois são inclusos todos os custos de produção aos produtos. Excluem-se apenas as despesas do período.



#### 2.4.2 Custeio variável

A contabilidade industrial surgiu a fim de atribuir valores aos fatores de produção e gerar informações para tomadas de decisão, conforme Dutra (2003), o custeio direto ou variável ocupa-se apenas com os custos diretos, dando um tratamento de despesa para os custos indiretos e levando diretamente ao resultado do período.

O custo apurado pelo método variável considera que os custos fixos não devem ser alocados aos produtos, pois estes custos ocorrem independentes de haver produção. Souza e Clemente (2007), abordam que o método de custeio variável consiste em atribuir apenas os custos totalmente variáveis aos produtos, eliminando a necessidade de rateio.

Assim, Megliorini (2001), evidencia que os custos fixos serão tratados como custos do período, não sendo absorvidos ao produto e indo diretamente para o resultado. O autor ainda traz como exemplo o aluguel da fábrica, o qual ocorre mesmo que não haja produção. O mesmo não acontece com os custos variáveis, pois são decorrentes da produção.

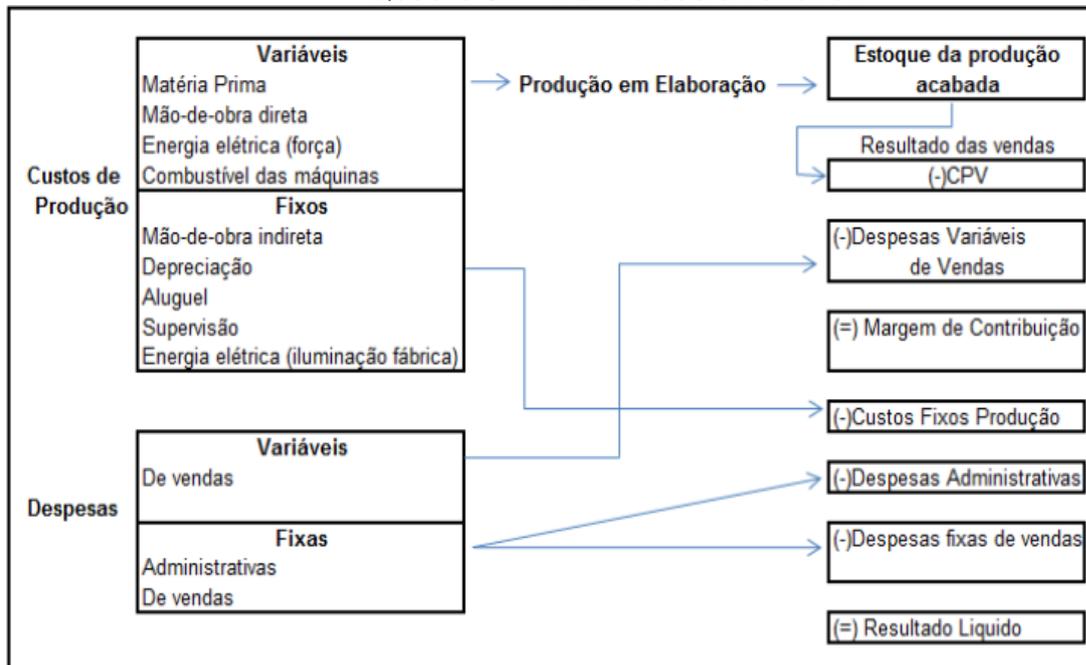
Para Dutra (2003), a evolução dos processos e atividades das empresas, fez com que o comportamento dos custos diretos deixou de ser somente variável e os indiretos de ser somente fixos. Em oposição, apresenta-se o custeio por absorção, o qual considera além dos custos variáveis, também os fixos.

O custeio variável parte do princípio de que o produto é responsável pelos custos e pelas despesas variáveis que geram. Bertó e Beulke (2013), dizem que os custos e despesas variáveis são aquelas que variam de acordo com o volume de produção e vendas, logo só existiriam se o produto existisse.

Esse método de custeio é baseado na margem de contribuição, conforme Dutra (2003), a qual é conceituada como a diferença do total da receita, com a soma dos custos e despesas variáveis. Assim, tornando-se facilmente a identificação de cada produto em absorver custos fixos e proporcionar lucro. Segue quadro 02 para melhor entendimento:



Quadro 02 – Forma custo variável.



Fonte: (DUTRA, 2003, p. 233).

Para Martins (2010), normalmente não há grande utilidade, para fins gerenciais de um valor que existam os custos fixos apropriados. Segundo o autor isso ocorre por três problemas, em primeiro pelos custos fixos existirem independentemente da produção ou não, tornando o custo em encargos para que a empresa possa ter condições de produção, em segundo pelos graus de arbitragem utilizados para o rateio em maior e menor grau gerando injustiças, e em terceiro ele diz que o custo fixo depende do volume de produção, isso faz com que o produto menos fabricado aumente o preço.

Com isso, Martins (2010), diz que no custeio variável, só são alocados os custos variáveis aos produtos.

### 2.4.3 Análise do custo/volume/lucro

Um dos instrumentos da área de custos é a análise do custo/volume/lucro como uma ferramenta utilizada nas decisões gerenciais. Para Wernke (2004) esta análise visa demonstrar as inter-relações existentes entre as vendas, os custos (fixos ou variáveis), o nível de atividade desenvolvido e o lucro alcançado ou desejado.

O custo, preço e o volume são considerados no planejamento e na variação do lucro. Conforme Wernke (2004), o preço de venda é de controle limitado, mas o custo e volume possuem elementos mais controláveis.

Para Crepaldi (2004), a análise do custo, volume, lucro é baseado no custo variável. O autor ainda aborda que é uma ferramenta importante no planejamento em curto prazo, porque explora o relacionamento entre as variáveis: custo, receita, volume de saída e lucro.

Figura 01 – Análise Custo/Volume/Lucro.



Fonte: (SOUZA; SCHNORR; FERREIRA; 2011, p. 5)

Conforme figura, após os cálculos da margem de contribuição, ponto de equilíbrio, margem de segurança e alavancagem operacional, consegue a análise do custo/volume/lucro.

#### 2.4.3.1 Margem de contribuição

A margem de contribuição, conforme Dutra (2003), mostra como cada produto contribui para amortizar os custos e despesas fixas e posteriormente, formar o lucro. Assim sendo, a margem de contribuição dar-se-á associação da identificação do custo imediatamente, quando se inicia a venda. Pois, o custo varia de acordo com o volume vendido, possibilitando o cálculo da margem.

Para Crepaldi (2004, p. 231) “a margem de contribuição representa o valor que cobrirá os Custos e Despesas fixos da empresa e proporcionará o lucro”. Sendo este necessário para informações gerenciais e tomadas de decisão.

Bertó e Beulke (2013), abordam a margem de contribuição como o comparativo do preço de venda com o custo variável desse produto. Assim, este sistema é voltado diretamente à competitividade, adequado para as empresas que se encontram na condição de comportamento competitivo.

Dutra (2003), evidencia que a margem de contribuição só se converterá em lucro ou prejuízo, após a dedução dos custos e despesas fixas. Sendo que, se o resultado destas deduções for menor, resultará em lucro, se as mesmas forem maiores, será apurado prejuízo.

Conforme Berti (2006), a margem de contribuição unitária é o valor com que cada unidade do produto contribui para a empresa e resulta da diferença entre seu preço e os recursos necessários para a sua venda.



O conceito de margem de contribuição para Leone (2000) é a diferença entre as receitas e os custos diretos e variáveis, identificados a cada um dos objetos em que se pode dividir a atividade de uma empresa, objetivando lucro.

Megliorini (2001), afirma que a margem de contribuição será igual, ao preço de venda, subtraídos dos custos e despesas variáveis, conforme demonstrativo:

Quadro 03 – Fórmula da Margem de Contribuição.

$$\text{MCU} = \text{PV} - (\text{CV} + \text{DV})$$

Fonte: Elaborado pela autora.

Onde:

MCU é a Margem de Contribuição Unitária;

PV é o preço de venda;

CV é o Custo Variável por unidade; e,

DV são as Despesas Variáveis por unidade.

Desta forma o estudo da margem de contribuição, conforme Wernke (2004) é fundamental para decisões em curto prazo, pois identifica quando o produto cobre os custos e despesas fixos da empresa, e gera de lucro.

#### 2.4.3.2 Ponto de equilíbrio

O ponto de equilíbrio indica uma situação econômica para determinado nível de produção e período. Para Nascimento (2001), esta situação em circunstâncias onde a receita é igual ao custo total.

Conforme Crepaldi (2004, p. 232), “as receitas totais são iguais aos custos totais ou despesas totais”. Sendo assim, ele é alcançado quando a empresa não tem lucro e nem prejuízo.

O ponto de equilíbrio, conforme Bornia (2002), pode ocorrer de forma contábil, econômica e financeira. Com isso, no ponto de equilíbrio contábil, são utilizados todos os custos e despesas contábeis relacionados com o funcionamento da empresa. Assim sendo, também são inclusos aos custos e despesas fixos, os custos referentes ao capital próprio, e possível aluguel das edificações.

Para Megliorini (2001), o ponto de equilíbrio contábil é aquele quando a margem de contribuição se torna capaz de cobrir os custos e despesas fixos.

Já no ponto de equilíbrio financeiro, Bornia (2002) relata que os custos a serem considerados são apenas os que foram desembolsados, os quais refletiram de forma financeira a empresa e é informado o quanto terá de vender para não ficar sem dinheiro.

Bornia (2002), diz que o ponto de equilíbrio econômico mostra a rentabilidade real que a atividade proporciona, confrontada com opções de investimento. Segue quadro 04, para realização do cálculo do ponto de equilíbrio:



Quadro 04 – Fórmulas do Ponto de Equilíbrio.

<b>Ponto de Equilíbrio</b>	<b>Contábil</b> = (C + D Fixos) / Margem de contribuição
	<b>Financeiro</b> = (C+D Fixos) - Depreciação inclusas nos C e D fixos + desembolso financeiro (empréstimos e financiamentos) / Margem de contribuição
	<b>Econômico</b> = (C+D Fixos) + Rend. Esperado pelos sócios / Margem de contribuição

Fonte: Elaborado pela autora.

Desta forma consegue-se obter o ponto de equilíbrio desejado. Assim os gestores identificam as informações desejadas, para tomadas de decisão.

#### 2.4.3.3 Margem de segurança

A margem de segurança para Bornia (2002), é o excedente das vendas que representam o ponto de equilíbrio. Assim sendo, a margem de segurança representa quanto às vendas podem cair, sem que haja prejuízo para empresa.

De acordo com Dutra (2003, p. 343), a margem de segurança é “[...] o espaço limitado pelo nível de produção e de vendas considerado normal e pelo nível do ponto de equilíbrio. Esse nível normal situa-se acima do ponto de equilíbrio e, evidentemente, localiza-se entre este e o de capacidade máxima”. Assim sendo, a margem de segurança é o espaço em que a empresa pode operar sem risco de prejuízo. Segue fórmula para cálculo da margem de segurança:

Quadro 05 – Fórmula da Margem de Segurança.

<b>Margem de Segurança</b> = Vendas efetivas em valor - Vendas no PE
---

Fonte: Adaptado de Wernke (2004).

Wernke (2004), diz que o volume das vendas que excedem para análise da margem de segurança, pode ser o valor orçado das vendas, ou o realizado. Assim sendo, a margem de segurança pode ser expressa em quantitativamente, físicas ou monetárias, ou em percentual.

#### 2.4.3.4 Grau de alavancagem operacional

Para descrever o grau de alavancagem operacional, Megliorini (2001), explica que se dá através da seguinte fórmula:



Quadro 06 – Fórmula do lucro operacional.

Receita de vendas
(-) Custos + Despesas Variáveis
(=) Margem de contribuição
(-) Custos + Despesas Fixos
(=) Lucro Operacional

Fonte: (MEGLIORINI, 2001, p. 162).

Megliorini (2001), exemplifica a fórmula dizendo que o Lucro Operacional resulta das atividades normais de produção, não considerando outras receitas e despesas que venham ocorrer. O autor ainda diz que o lucro operacional cresceria proporcionalmente ao aumento dos custos e despesas variáveis, a redução da receita de vendas também causaria impacto, porém de forma contrária, e isto é a Alavancagem Operacional.

O grau de alavancagem operacional para Megliorini (2001), são os efeitos causados nos lucros pelas alterações ocorridas nas vendas.

Conforme Martins (2010), pode-se considerar quando à medida que ocorre o aumento da margem de segurança, e decresce a alavancagem operacional. Segue quadro 07 com a fórmula a ser utilizada:

Quadro 07 – Fórmula do Grau de Alavancagem Operacional.

$$\text{GAO} = \frac{\text{Variação Percentual no Lucro Operacional}}{\text{Variação Percentual nas Vendas}}$$

Fonte: (MEGLIORINI, 2001, p. 163).

Sendo assim, a variação a ser obtida pode-se simular aumento nas unidades vendidas, obtendo então o grau de alavancagem operacional.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Para realização de uma pesquisa científica, é necessária a definição de um meio no que se refere à análise dos dados, a qual se utiliza a abordagem qualitativa.

Para Michel (2015, p. 40), “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica, especial, contextual e temporal entre pesquisador e objeto de estudo”. Na pesquisa qualitativa, Teixeira (2005), diz que o autor procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, para dar compreensão dos fenômenos pela descrição e interpretação.

Para isto, os dados obtidos junto à organização do objeto de estudo, foram analisados de forma qualitativa.

Em relação aos objetivos, este estudo caracteriza-se como descritivo, pois segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), consiste na habilidade de fazer com que o outro veja aquilo que o pesquisador observou. Desta forma, esta pesquisa descreve os métodos de custeio e a utilização do mesmo como ferramenta de gestão.



Quanto aos procedimentos efetua-se um estudo de caso, o qual seleciona um objeto de pesquisa restrito. Conforme Santos (1999), o estudo de caso tem como objetivo aprofundar os aspectos característicos, por meio de um objeto de pesquisa restrito.

### 3.2 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para efetuar o estudo de caso em uma empresa no ramo de confecção, foram solicitadas as informações necessárias junto a empresa, a fim de esclarecer informações e assim efetuar os cálculos.

Desta forma, a análise dos dados obtidos com os responsáveis foi adaptada conforme necessidade da pesquisa realizada.

As informações foram obtidas através de questionamentos, a fim de esclarecimentos e obtenção de informações referente a pesquisa realizada. Os valores a serem demonstrados serão reais, porém o nome da entidade não será divulgado para manter a privacidade da mesma.

Os dados a serem analisados serão conforme as coleções de inverno, verão e alto verão das roupas femininas confeccionadas, entre os anos de 2015 e 2016. Objetivando obter a margem de contribuição das mesmas.

## 4 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso foi elaborado em uma organização atuante no ramo de confecções, destinadas à produção de roupas femininas. A empresa tem aproximadamente 800 m<sup>2</sup>, onde estão distribuídos os setores de produção, almoxarifado, expedição e administrativo.

A análise deu-se por coleções de produtos: a de inverno, verão e alto verão. A empresa é optante pelo lucro real, e atualmente não efetua os cálculos abordados no estudo de caso. O período estudado está entre os anos de 2015 e 2016.

### 4.1 A EMPRESA

#### 4.1.1 Caracterização da empresa

A empresa foi fundada em 1985, começou com um pequeno negócio familiar, onde a produção era voltada para roupas infantis. Tem sua sede em Criciúma – Santa Catarina, produzindo roupas femininas. Onde o principal foco da mulher que representa a empresa, é agregar elegância, estilo e sensualidade. Esta é provocante, forte e noturna, tem a finalidade de surpreender sempre. Seu melhor poder é provocar emoções por onde passa. Seu maior desejo é ser eterna em nossas memórias. Essa é a sua essência, esse é o seu instinto de viver.



#### 4.1.2 Produtos

Com relação aos produtos fabricados são desenvolvidos diversos modelos para coleções de inverno, verão e alto verão. Destaque nas roupas femininas tendo ousadia nos cortes dos modelos fabricados. Sendo estes: saia, short, blusas em geral, casacos, calças, entre outros.

#### 4.1.3 Etapas do estudo

Para realizar a análise Custo/Volume/Lucro foram extraídas informações do banco de dados da empresa.

Após análise dos controles internos, passou-se aos cálculos dos fatores envolvidos na análise, ou seja, foram determinadas: (i) a margem de contribuição em valor (R\$) e em percentual (%) das coleções; (ii) a margem de contribuição total (R\$) em função ao volume anual produzido; (iii) o ponto de equilíbrio contábil, financeiro e econômico (em unidade e em valor); (iv) a margem de segurança em unidades e em valor (R\$); e, (v) grau de alavancagem operacional. A seguir aborda-se o detalhamento das etapas, para a conclusão do estudo.

##### 4.1.3.1 Margem de contribuição

Em primeiro momento foi efetuado o cálculo da margem de contribuição total e unitária (em R\$ e por Unidade) referente 2015 e 2016, das coleções produzidas pela empresa. O cálculo mencionado envolveu fatores como o preço de venda, os gastos variáveis (como comissões, fretes, tributação, etc.) e o custo variável utilizado na fabricação dos produtos, denominados custo dos produtos vendidos.

Com isso foi possível obter a margem de contribuição evidenciada no quadro 08 a seguir:



Quadro 08 – Cálculo da Margem de Contribuição de 2015 e 2016.

Anos	2015			2016		
	Inverno	Verão	Alto Verão	Inverno	Verão	Alto Verão
<b>Receita Bruta de Vendas</b>	<b>5.570.369</b>	<b>4.241.434</b>	<b>5.199.271</b>	<b>6.485.553</b>	<b>9.132.854</b>	<b>8.651.589</b>
(-) ICMS	779.852	593.801	727.898	907.977	1.278.600	1.211.223
(-) PIS	36.207	27.569	33.795	42.156	59.364	56.235
(-) COFINS	167.111	127.243	155.978	194.567	273.986	259.548
<b>(=) Receita Líquida de Vendas</b>	<b>4.587.199</b>	<b>3.492.821</b>	<b>4.281.600</b>	<b>5.340.853</b>	<b>7.520.905</b>	<b>7.124.584</b>
Receita Líquida de Vendas %	82,35%	82,35%	82,35%	82,35%	82,35%	82,35%
Gastos Variáveis	2.162.967	1.491.236	2.006.114	2.205.923	3.380.332	3.135.813
Gastos Variáveis %	38,83%	35,16%	38,58%	34,01%	37,01%	36,25%
(-) CPV	1.852.364	1.240.889	1.652.601	1.882.345	2.924.674	2.704.167
(-) Fretes	199.195	165.518	249.528	193.867	273.000	258.614
(-) Comissão	111.407	84.829	103.985	129.711	182.657	173.032
<b>(=) Margem de contribuição</b>	<b>2.424.231</b>	<b>2.001.586</b>	<b>2.275.486</b>	<b>3.134.930</b>	<b>4.140.574</b>	<b>3.988.771</b>
(=) MC %	43,52%	47,19%	43,77%	48,34%	45,34%	46,10%
Unidade vendida	70.000	55.000	60.000	85.000	115.000	110.000
(=) MC Unidades	34,63	36,39	37,92	36,88	36,00	36,26
Gastos fixos	1.527.612	1.525.950	1.529.274	2.181.217	2.179.100	2.183.335
Gastos fixos %	27,42%	35,98%	29,41%	33,63%	23,86%	25,24%
(-) Custos Fixos	715.241	714.970	715.512	972.671	971.988	973.354
(-) Despesas Fixas	812.371	810.980	813.762	1.208.546	1.207.112	1.209.981
<b>(=) Lucro Operacional</b>	<b>896.619</b>	<b>475.636</b>	<b>746.212</b>	<b>953.713</b>	<b>1.961.474</b>	<b>1.805.436</b>
(=) Lucro Operacional %	16,10%	11,21%	14,35%	14,71%	21,48%	20,87%

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme os dados obtidos dos anos de 2015 e 2016, percebe-se que a margem de contribuição da coleção de inverno do ano de 2015 representa 43,52% do seu faturamento, com R\$ 2.424.231,00. Sendo que a mesma proporcionou um lucro operacional maior, representando 16,10% do seu faturamento, com relação às outras coleções.

A coleção de verão em 2015 tem uma margem de contribuição maior que as outras representando 47,19% do faturamento, com R\$ 2.001.586,00, porém não apresentou maior lucro operacional, com relação às outras coleções, pois os gastos fixos apresentaram 35,98% do faturamento no período da coleção.

Conforme o demonstrativo percebe-se que a coleção do alto verão tem uma margem de contribuição que representando 43,77% do seu faturamento, com R\$ 2.275.486,00, a qual obteve um lucro operacional de 14,35% do seu faturamento, sendo este maior que o da coleção de verão, porque os custos fixos deste período teve menor representatividade com R\$ 29,41%.

Já no ano de 2016 nota-se que o faturamento da empresa cresceu representativamente. Percebe-se que a coleção de inverno obteve a margem de contribuição de 48,34% do seu faturamento, maior que a do ano anterior, e também



um gasto fixo maior representando 33,63%, gerando um lucro operacional menor, que representa 14,71% do seu faturamento.

Na coleção de verão nota-se que a representatividade da margem de contribuição diminuiu, com relação ao ano anterior, obtendo 45,34% do seu faturamento, porém em 2016 os gastos fixos foram menores representando 23,86% do faturamento, assim gerando um lucro operacional maior que as outras coleções, a qual representa 21,48% do seu faturamento.

A coleção de alto verão tem uma margem de contribuição que representa 46,10% do faturamento, com R\$ 3.988.771,00. A mesma apresentou um lucro operacional maior, com relação ao ano anterior, apresentando 20,87% do seu faturamento.

#### 4.1.3.2 Ponto de Equilíbrio

O Ponto de Equilíbrio pode ser identificado quando as receitas totais se igualam aos custos e despesas totais. Ao alcançar este ponto, tem-se a quantidade vendida para pagar os gastos fixos e variáveis.

Neste estudo, calculou-se o ponto de equilíbrio contábil, financeiro e econômico.

##### 4.1.3.2.1 Ponto de Equilíbrio Contábil

Para o cálculo do Ponto de Equilíbrio Contábil deve-se multiplicar o ponto de equilíbrio em quantidade pelo preço médio de venda ou dividir a soma dos gastos fixos pela margem de contribuição em percentual. No quadro 10, têm-se os valores obtidos.

**Quadro 10 – Cálculo Ponto de Equilíbrio Contábil.**

Anos	2015			2016		
	Inverno	Verão	Alto Verão	Inverno	Verão	Alto Verão
Coleções						
Margem de contrib. total (R\$)	2.424.231	2.001.586	2.275.486	3.134.930	4.140.574	3.988.771
Margem de contrib. total (%)	43,52%	47,19%	43,77%	48,34%	45,34%	46,10%
Quant. vendida (unid.)	70.000	55.000	60.000	85.000	115.000	110.000
Custos e despesas fixos	1.527.612	1.525.950	1.529.274	2.181.217	2.179.100	2.183.335
Ponto de Equilíbrio (unid.)	44.110,00	41.930,38	40.323,89	59.141,18	60.522,17	60.210,74
Preço médio de venda	79,58	77,12	86,65	76,30	79,42	78,65
Ponto de Equilíbrio (R\$)	3.510.128	3.233.545	3.494.247	4.512.509	4.806.436	4.735.624
Faltou / Sobrou (unid.)	25.890	13.070	19.676	25.859	54.478	49.789

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme apresentado o ponto de equilíbrio financeiro da empresa, a qual apresenta um bom desempenho nas vendas, percebe-se que houve sobras nas quantidades vendidas. Conseguindo cobrir os gastos fixos e variáveis.



Pode-se perceber que a coleção de verão em 2015 obteve a menor sobra, com relação à quantidade a vendida e a quantidade necessária para cobrir os gastos fixos e variáveis, apresentando 13.070 unidades. Já em 2016 a coleção de inverno obteve a menor sobra, com 25.859 unidades.

#### 4.1.3.2.2 Ponto de Equilíbrio Financeiro

Para o cálculo do Ponto de Equilíbrio Financeiro basta destacar a depreciação dos gastos fixos e dividir pela margem de contribuição em percentual. No quadro 11 têm-se os valores obtidos com o cálculo.

**Quadro 11 – Cálculo do Ponto de Equilíbrio Financeiro.**

Anos	2015			2016		
	Inverno	Verão	Alto Verão	Inverno	Verão	Alto Verão
Margem de contrib. total (R\$)	2.424.231	2.001.586	2.275.486	3.134.930	4.140.574	3.988.771
Margem de contrib. total (%)	43,52%	47,19%	43,77%	48,34%	45,34%	46,10%
Quantidade vendida (unid.)	70.000	55.000	60.000	85.000	115.000	110.000
Custos e despesas fixos	1.527.612	1.525.950	1.529.274	2.181.217	2.179.100	2.183.335
(-) Depreciação	21.644	26.800	26.873	13.446	17.161	18.407
(+) Desembolso financeiro	111.407	84.829	103.985	129.711	182.657	173.032
Ponto de Equilíbrio (unid.)	46.701,93	43.524,91	42.357,18	62.293,57	65.118,66	64.474,88
Preço médio de venda	79,58	77,12	86,65	76,30	79,42	78,65
Ponto de Equilíbrio (R\$)	3.716.385	3.356.510	3.670.441	4.753.038	5.171.471	5.071.002
Faltou / Sobrou (unid.)	23.298	11.475	17.643	22.706	49.881	45.525

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme demonstrado, o ponto de equilíbrio financeiro desconsidera um gasto fixo, o qual não terá necessidade de pagamento que é a depreciação, porém adiciona o desembolso financeiro, o qual traz valores de empréstimos e financiamentos. O demonstrativo trouxe valores positivos, onde se consegue cobrir os gastos fixos e variáveis.

Percebe-se que no ponto de equilíbrio financeiro, a empresa tem um ponto de equilíbrio em quantidade maior, quando comparado ao ponto de equilíbrio contábil, pois teve a adição do desembolso financeiro.

#### 4.1.3.2.3 Ponto de Equilíbrio Econômico

Para cálculo do Ponto de Equilíbrio Econômico deve-se somar a expectativa de retorno aos gastos fixos e dividir pelo percentual da margem de contribuição. Segue o quadro 12, com o demonstrativo do cálculo.



**Quadro 12 – Cálculo do Ponto de Equilíbrio Econômico.**

Expectativa de retorno:		10% Sob a receita bruta				
Anos	2015			2016		
Coleções	Inverno	Verão	Alto Verão	Inverno	Verão	Alto Verão
Margem de contrib. total (R\$)	2.424.231	2.001.586	2.275.486	3.134.930	4.140.574	3.988.771
Margem de contrib. total (%)	43,52%	47,19%	43,77%	48,34%	45,34%	46,10%
Quantidade vendida (unid.)	70.000	55.000	60.000	85.000	115.000	110.000
Custos e despesas fixos	1.527.612	1.525.950	1.529.274	2.181.217	2.179.100	2.183.335
Lucro desejado (R\$)	557.037	424.143	519.927	648.555	913.285	865.159
Ponto de Equilíbrio (unid.)	60.194,51	53.585,09	54.033,33	76.726,00	85.887,69	84.069,59
Preço médio de venda	79,58	77,12	86,65	76,30	79,42	78,65
Ponto de Equilíbrio (R\$)	4.790.080	4.132.321	4.682.232	5.854.242	6.820.867	6.612.142
Faltou / Sobrou (unid.)	9.805	1.415	5.967	8.274	29.112	25.930

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que buscando a margem de retorno 10%, tem-se um ponto de equilíbrio maior, comparado com o ponto de equilíbrio contábil e financeiro. O cálculo demonstra que a empresa consegue obter os 10% vendendo quantidades menores do que a realizada.

Conforme demonstrativo, a coleção de verão em 2015 obteve a menor sobra da quantidade, com relação à quantidade vendida e a do ponto de equilíbrio, apresentando 1.415 unidades. Porém em 2016, obteve a maior sobra com 29.112 unidades, pois em 2016 o faturamento desta coleção teve maior representatividade com relação às outras coleções no ano.

#### 4.1.3.3 Margem de Segurança

A margem de segurança representa quanto às vendas podem chegar, sem que haja prejuízo para empresa. No quadro 13 têm-se as informações obtidas.

**Quadro 13 – Margem de segurança.**

Anos	2015			2016		
Coleções	Inverno	Verão	Alto Verão	Inverno	Verão	Alto Verão
Unid. por coleção vendidas	70.000	55.000	60.000	85.000	115.000	110.000
Vendas no Ponto de Equilíbrio	44.110	41.930	40.324	59.141	60.522	60.211
Margem de segurança (Unid.)	25.890	13.070	19.676	25.859	54.478	49.789
Preço médio de venda	79,58	77,12	86,65	76,30	79,42	78,65
Margem de segurança (R\$)	2.060.241	1.007.889	1.705.024	1.973.044	4.326.418	3.915.965

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se que a quantidade vendida da coleção de inverno de 2015 pode chegar em 25.890 sem que traga prejuízo para empresa, assim respectivamente



com as coleções. Para obtenção da margem de contribuição em valor, bastou multiplicar a margem de contribuição em unidades pelo preço médio de venda.

#### 4.1.3.4 Alavancagem Operacional

Para o cálculo da alavancagem operacional, basta diminuir os gastos fixos da margem de contribuição, para obter o lucro operacional. Após obter o lucro operacional deve-se fazer a variação em percentual do lucro operacional obtido e dividir pela variação do percentual nas vendas. Segue quadro 14 com o demonstrativo:

Quadro 14 – Cálculo Grau de Alavancagem Operacional.

Anos	2015/2016		
	Inverno	Verão	Alto Verão
Variação LO	6,37%	312,39%	141,95%
Variação RB	16,43%	115,32%	66,40%
<b>Grau de alavancagem Op.</b>	<b>0,39</b>	<b>2,71</b>	<b>2,14</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme exposto acima, percebe-se que a coleção de inverno aumentou seu lucro operacional em 6,37%, provocando um aumento de 0,39 vezes, de alavancagem operacional. A coleção de verão traz um aumento de 2,71 vezes, e a coleção de alto verão traz um aumento de 2,14 vezes no lucro operacional.

Com a elaboração deste estudo de caso é possível inferir que a organização consegue ter um controle mensal, da sua organização. Porém este com mais informações e segurança, feito por profissionais aptos a gerar os dados. Nota-se que a aplicação da margem de segurança e ponto de equilíbrio, a empresa consegue ter a visão da coleção que lhe trará mais retorno e poderá tomar decisões a partir resultados obtidos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca de ferramentas para auxílio nas tomadas de decisão, a gestão de custos e a contabilidade gerencial tornaram-se ainda mais necessária. Possuir um planejamento diligente é indispensável no processo de decisão das empresas. Porém, não há informações que supra a necessidade de todos os usuários.

Com isso, a análise do custo/volume/lucro faz suprir a deficiência de algumas empresas, no gerenciamento de informações. Com a análise do custo/volume/lucro os gestores podem obter informações relevantes para tomadas de decisão. Os objetivos foram atingidos após o término dos cálculos, onde por meio da pesquisa bibliográfica obteve-se informações para conceituar a análise.

As contribuições trazidas pela análise do custo/volume/lucro nas tomadas de decisão, podem ser percebidas através dos cálculos da margem de contribuição, ponto de equilíbrio, margem de segurança e alavancagem operacional. Onde por



meio dos resultados e com as informações relevantes sobre o comportamento do faturamento, custos, despesas, etc., durante o período das coleções são elencados.

Assim, após a análise elaborada percebe-se que a empresa obtém os valores e quantidades desejadas para um bom desempenho. Foi possível obter os dados necessários e aperfeiçoamento do conhecimento obtido.

Com os levantamentos efetuados, pode-se perceber que a empresa encontra-se em uma boa situação. Os dados obtidos por meio do cálculo da margem de contribuição, ponto de equilíbrio e margem de segurança, auxilia a empresa nas tomadas de decisões a curto e longo prazo. Os quais também auxiliam no crescimento saudável da entidade, cogitando as várias alterações que pode haver no mercado.

Enfim, o propósito da pesquisa foi atendido, pois foi descrito os conceitos e exposto os cálculos. É possível a aplicação destes cálculos na empresa, e para isto necessita de profissionais qualificados e um sistema para gerar estas informações de forma mais precisa.

## REFERÊNCIAS

BERTÓ, Dalvino José; BEULKE, Rolando. **Gestão de custos**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

BORNIA, Antônio Cesar. **Análise gerencial de custos em empresas modernas**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRC-SP. **Custos: ferramentas de gestão**. Coordenação José Barbosa da Silva Júnior. São Paulo: Atlas, 2000.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Curso básico de contabilidade de custos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

DUBOIS, Alexy; KULPA, Luciana; SOUZA, Luiz Eurico de. **Gestão de custos e formação de preços: conceitos, modelos e instrumentos: Abordagem do capital de giro e da margem de competitividade**. São Paulo: Atlas, 2006.

DUTRA, René Gomes. **Custos: uma abordagem prática**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

FERREIRA, José Antônio Stark. **Contabilidade de custos**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos: Planejamento, implantação e controle**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.



MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEGLIORINI, Evandir. **Custos**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

MICHEL, Maria Elena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

NASCIMENTO, Jonilton Mendes do. **Custos: planejamento, controle e gestão na economia globalizada**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.

SOUZA, Alceu; CLEMENTE, Ademir. **Gestão de custos: aplicações operacionais e estratégicas: exercícios resolvidos e propostos com utilização do Excel**. São Paulo: Atlas, 2007.

SOUZA, Marcos Antonio de; SCHNORR, Carla; FERREIRA, Fernanda Baldasso. **Análise das relações custo-volume-lucro como instrumento gerencial: um estudo multicaso em indústrias de grande porte do Rio Grande do Sul**. Vol. 5 n. 12. Revista de contabilidade e organizações, 2011, p. 109-134.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WERNKE, Rodney. **Gestão de custos: uma abordagem prática**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2004.